

A COLEÇÃO “REDESCOBRINDO O UNIVERSO RELIGIOSO”: “O QUÊ?” E O “PARA QUÊ?” DO ENSINO DE RELIGIÃO NA ESCOLA E NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR.

GILZ, Claudino (GPER/PUCPR)

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo (GPER/PUCPR)

O presente artigo tem como objetivo discutir “o quê?” e o “para quê?” do ensino de religião na escola e na formação do professor por meio de elementos colhidos de uma pesquisa realizada recentemente com professores escritores e não-escritores da Coleção “Redescobrimo o Universo Religioso”. Não obstante às manifestações favoráveis e contrárias à presença do Ensino Religioso no currículo escolar por ocasião da promulgação da nova LDB/96, “o quê?” e o “para quê?” ensinar religião trazem consigo questionamentos pertinentes e atuais.

A Coleção “Redescobrimo o Universo Religioso”, enquanto material didático de Ensino Religioso elaborado e implementado a partir da nova LDB/96, buscou levar em consideração não só tais questionamentos como também outros, a saber: como contemplar o respeito à diversidade cultural/religiosa do Brasil na abordagem dos temas de estudo e no desdobramento das atividades? De que maneira isentar-se de qualquer indício de proselitismo ou de tolher a autonomia do saber docente de Ensino Religioso?

Teria o processo de aprendizagem do conhecimento religioso outra razão de ser que a de contribuir para a aurora de um novo tempo? Tempo esse em que as diferentes tradições religiosas possam celebrar – sob o altar do diálogo, da convivência respeitosa e fraterna – a realização do sonho mais nobre e mais sublime da humanidade: a paz. Estaria nisso a resposta dos questionamentos “o quê?” e o “para quê?” ensinar religião? Eis a razão das páginas que seguem.

Algumas luzes e sombras de um livro didático

Significativa é a percepção de um renomado pensador do paradigma científico quanto à perspectiva de uma dinâmica investigativa: “O que um homem vê depende tanto daquilo que ele olha como daquilo que sua experiência visual-conceitual prévia o ensinou a ver”¹. O livro didático tem sido nas últimas décadas o tema de polêmicos debates no espaço educacional. despontou como assunto de não poucas pesquisas e trabalhos científicos publicados. Há docentes que consideram o livro didático

dispensável na sua prática em sala de aula, a quem esse material é sinônimo de cópia e difusor de saberes cristalizados e de camuflagens ideológicas da realidade. Outros já o vêem como um dos instrumentos imprescindíveis ao bom andamento do processo de ensino e aprendizagem, justamente por conter um conhecimento embasado e dinâmico, rico em proposições metodológicas para a aprendizagem de determinadas temáticas de uma disciplina.

O ano de 1930 é mencionado como o ponto de partida para os inícios de uma política de implantação do livro didático no sistema educacional brasileiro. Mesmo que portador de uma trajetória histórica ainda não centenária, esse instrumento pedagógico já foi alvo de favorecimentos em licitações, espaço para veiculação de ideologias as mais diversas, nivelamento cultural e, conseqüentemente, de inúmeras inquietações docentes². A idealização da realidade em prol da consolidação de uma ideologia vigente tem sido um dos aspectos mais preocupantes.

O contexto dos desdobramentos históricos do livro didático no Brasil registra, segundo Candau³, Corrêa⁴ e Martins⁵, a existência de pertinentes contestações. O domínio de conteúdo presente em um livro didático pode ser considerado como sinônimo de um 'bom' professor? Ainda seria possível adotar um livro didático em que, por exemplo, a pobreza é abordada como 'fenômeno natural'? Questões desse teor trazem à luz algumas sombras que rondam as discussões sobre o livro didático e, por isso, não deixam de suscitar da comunidade escolar um senso crítico em relação à procedência e à intencionalidade educativa dos recursos didático-pedagógicos que chegam as suas mãos.

"Nos livros didáticos, crianças não têm conflito, não brigam, não têm 'maus pensamentos-palavras-e-obras'. As personagens dos textos, quando crianças, são incapazes de imaginar ou de ter a mínima curiosidade"⁶. O que é próprio de uma criança, senão a curiosidade, a peraltice e a irreverência? O que dizer de um processo pedagógico a serviço de uma formação acadêmica do aluno para uma realidade inexistente, isenta de conflitos ou de consideração do desconforto ante as diferenças culturais e religiosas? Um livro didático de Ensino Religioso poderia assim se constituir? Estaria ele atendendo "o quê?" e o para quê?" do ensino de Religião na escola? Estaria um material didático assim efetivamente sendo um dos elementos da formação do professor que o utiliza em sala de aula?

Por meio de uma investigação de como - via o livro didático - as crianças de escolas públicas e particulares, provenientes de classes sociais diferenciadas

apreendiam o conceito *trabalho*, a pesquisadora Ana Lúcia G. de Faria também constatou o fator ‘idealização’ e ‘fetichização’ da realidade. Afirma ela que o livro didático, ao fetichizar o *trabalho na sociedade capitalista*, torna *natural* as injustiças que se dão por meio da divisão de trabalho a partir de critérios e modalidades as mais banais possíveis: sexo, idade, local, cidade, manual/intelectual, hierarquia de profissões etc. Oculta os abismos que se interpõem entre as mais diversas classes sociais, desde o burguês, o proletário, o instrumentista da produção até o que comercializa o resultado da força de trabalho. Mostra-se, por isso mesmo, “mentiroso”, “arcaico”, “falso”, “genérico”, “abstrato”, “irreal”, “preconceituoso” e “contraditório”⁷.

Relevância adquire aqui o aspecto formativo que o livro didático pode inferir na prática docente.

O livro didático [...] elabora as estruturas e as condições de ensino para o professor. [...] produz uma série de técnicas de aprendizagem: exercícios, questionários, sugestões de trabalho, enfim as tarefas que os alunos devem desempenhar para a apreensão ou, na maior parte das vezes, para a retenção dos conteúdos. Assim, os manuais escolares apresentam não apenas os conteúdos das disciplinas, mas ‘como’ esse conteúdo deve ser ensinado⁸.

Pelos aspectos acima destacados, o livro didático é muito mais do que um simples instrumento pedagógico e metodológico que se agrega ou não ao trabalho docente. O modo como ele “elabora as estruturas e as condições de ensino para o professor...” traz subjacente também elementos formativos, ideológicos ou preconceituosos ao profissional e ao aluno que o utilizam em sala de aula. Segundo Nosella⁹, a abrangência de tais elementos podem chegar a atingir, pelos processos de *assimilação* e *acomodação*, a personalidade das pessoas envolvidas. Particularmente em relação às crianças, diz a autora:

As crianças, submetidas à maciça inculcação de uma ideologia, não irão apenas apreendê-la, mas terão toda a sua estrutura de pensamento impregnada por ela. E tudo isso se passa numa idade em que as crianças não possuem ainda discernimento para poderem adotar, ou não, qualquer ideologia, segundo suas opções pessoais, tendo assim seus valores, seus conceitos e sua visão de mundo determinados totalmente pela que domina.

Isso somente torna-se possível à medida que o livro didático é visto e utilizado em sala de aula como “a autoridade, a última instância, o critério de verdade, o padrão de excelência a ser adotado”¹⁰. O que - por parte do corpo docente - não deixaria de emergir uma visão estreita desse recurso em relação a sua função pedagógica e formativa no processo de aprendizagem.

Segundo Rengel¹¹, não são poucos os aspectos a serem considerados tendo em vista as tramas em que muitos pareceres a respeito do livro didático são emitidos: afinidade de critérios, conceitos e valores tais como a pluralidade e a cidadania; rejeição a toda forma de preconceito ou discriminação às manifestações religiosas; criticidade ante a reprodução de modelos de pensamento ideológico que ‘justificam’ a desigualdade das relações; ênfase na possibilidade de o aluno alimentar atitude e interesse investigativos, exercitar a criatividade, ultrapassar idéias prontas e dispor-se à novas descobertas; pertinência entre os temas de estudo e desenvolvimento metodológico dos mesmos; sensibilidade a níveis de leitura e raciocínios que transportem os alunos às situações reais do seu cotidiano; adequação ao estágio de escolaridade dos alunos; consistência dos conteúdos; diversificação das estratégias de leitura¹²; sintonia e afinidade com a legislação que normatiza a educação nacional; existência de sugestão de atividades complementares¹³.

À medida que tais aspectos passam a ser considerados, dá-se a compreensão de que o livro didático é ‘um’ dos recursos de aprendizagem, não o único. Cooperam-se para a primazia do critério de compatibilidade do livro didático com as aptidões dos alunos e com o projeto pedagógico da escola. Poderia a prática docente de Ensino Religioso se dar à margem das discussões a respeito das luzes e sombras do livro didático acima apresentados? Trata-se de uma das questões que, a seguir, serão averiguadas, tendo por base relatos de uma pesquisa de campo.

O livro didático de Ensino Religioso: relatos de uma pesquisa sobre uma iniciativa docente

A prática docente de Ensino Religioso é hoje uma das principais forças responsáveis pela implantação do modelo didático-pedagógico configurado a partir da nova resolução do art. 33 da LDB/96, a Lei nº 9.475. Tanto o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil como a supressão de qualquer doutrinação confessional em sala de aula se constituíram – a partir de então - nos principais critérios dessa prática.

O ensino religioso, no contexto da educação cidadã, tem como pressuposto a dignidade humana, que independe da opção religiosa. Sua especificidade consiste em trabalhar o fenômeno religioso. O reconhecimento das diferentes tradições religiosas, bem como o estudo das diferentes tradições, precisa acontecer já nas séries iniciais. Importante lembrar também o papel do professor como referência para as crianças, adolescentes e jovens. Em

diferentes graus de intensidade, todo professor, em todas as séries, influencia, através de suas atitudes, de sua postura¹⁴.

No entanto, 'como' transpor didaticamente durante o transcurso das séries do Ensino Fundamental os critérios do respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil e do não proselitismo? Essa foi uma das maiores preocupações que levou pesquisadores e professores da área de Ensino Religioso a participar do processo de elaboração e implantação de materiais didáticos coerentes com o novo modelo sancionado na nova LDB/96 e pela Lei nº 9.475. As Coleções "Redescobrimo o Universo Religioso"¹⁵ foi um dos exemplos desse pioneirismo.

Mais do que uma obediência a uma nova configuração legal, tratava-se de responder à diversidade presente em cada turma de alunos, já nem todos procedentes de uma única confissão religiosa. E qual seria, nesse contexto, a especificidade do Ensino Religioso? "Ter o fenômeno religioso como objeto de estudo, possibilitando ao aluno entender as diversas manifestações da religiosidade presentes no seu dia-a-dia e o Transcendente nas várias culturas e tradições religiosas"¹⁶

A clareza do papel que lhe compete enquanto professor de Ensino Religioso em sala de aula, a 'tradução pedagógica' das manifestações do fenômeno religioso, a habilidade metodológica na abordagem dos temas de estudo a serem trabalhados se transformaram em aspectos decisivos ao se empreender a busca, tanto por uma proposta de formação em serviço desse profissional, como em materiais didáticos de apoio¹⁷.

O contexto anterior à promulgação da LDB/96 vinha sendo marcado por um acentuado "processo de rupturas com as concepções vigentes de educação"¹⁸. O Ensino Religioso continuaria sendo apenas uma preocupação dos representantes das tradições religiosas ou também da escola? Fato é que o foco das discussões concentrava-se na iminente necessidade de definição do Ensino Religioso enquanto compreensão de sua natureza e de seu papel na escola.

A partir do momento que, por meio da lei maior da educação brasileira, especificamente a partir da Lei nº 9.475 que conferiu nova resolução do art. 33 da LDB/96, deu-se a consolidação do processo de reconhecimento do Ensino Religioso como área de conhecimento e, portanto, como *parte integrante da formação básica do cidadão*, práticas metodológicas e didáticas doutrinárias/confessionais - até então vigentes - passaram a ser contestadas. Da parte dos que vinham atuando em sala de

aula segundo o antigo modelo houve, por um lado, resistências e temores. Por outro, iniciativas, abertura e comprometimento.

A Coleção "Redescobrimo o Universo Religioso" resultou, então, de uma das iniciativas de sistematização de material didático como resposta à implantação do novo modelo de Ensino Religioso. Resultou de um posicionamento do corpo docente ante uma necessidade de adequação didático-pedagógica em relação à diversidade cultural/religiosa evidente em cada turma de alunos. Resultou da configuração de um Ensino Religioso não mais nos moldes formativos, catequéticos e/ou doutrinário de uma determinada religião. Um Ensino Religioso a serviço da formação humano-religiosa do aluno, da socialização dos valores humanos fundamentais e do comprometimento cívico¹⁹. Um Ensino Religioso, enfim, propenso a iluminar o ser humano ante as indagações existenciais mais diversas: *por que ser bom? Qual a origem do mal no mundo? Qual o sentido do sofrimento?...*

O que condicionou a estruturação desse perfil didático-pedagógico da Coleção foi um longo processo de elucidação da incumbência pedagógica do Ensino Religioso em âmbito escolar por parte do corpo docente da instituição educacional aonde ela veio a ser elaborada e implantada. Os livros didáticos de Ensino Religioso não mais atendiam a nova legislação vigente. Segundo registros da Semana Pedagógica que ocorreu no ano de 1997, os professores de Ensino Religioso dessa instituição educacional sentiam a necessidade de "adequar o planejamento, os conteúdos, os textos, o livro didático, as estratégias metodológicas e a avaliação às características próprias a cada faixa etária"²⁰.

A partir de uma metodologia de *portfólio*, elaborou-se primeiramente o material para a educação infantil, "pautado no respeito e acolhimento ao diferente"²¹. Dos resultados positivos obtidos com a nova didática e metodologia implantadas, nasceu a motivação para que no ano de 2001 outros materiais referente aos anos do Ensino Fundamental viessem a ser elaborados e publicados.

A instituição educacional em que o grupo de professores de Ensino Religioso se deu ao trabalho de elaboração da Coleção "Redescobrimo o Universo Religioso", local aonde se deu a pesquisa, é de cunho particular e confessional, cuja sede encontra-se situada no centro da cidade de Curitiba, Estado do Paraná. A análise documental e a entrevista semi-estruturada foram os principais instrumentos de pesquisa utilizados para a coleta de dados.

Por meio da análise documental, verificou-se que tanto na Educação Infantil como no Ensino Fundamental, a estruturação didática da Coleção “Redescobrimo o Universo Religioso” visa contemplar a etapa de desenvolvimento do aluno, abordando temáticas que possam ser significativas a cada uma delas, a saber: a relação da criança com a vida²²; a importância do relacionamento da criança com o outro²³; a ação da criança diante dos acontecimentos e fatos que fazem parte da vida²⁴; a criança e o desenvolvimento da sua dimensão religiosa, individual e social²⁵; o crescimento intelectual, físico e espiritual, gestos, valores e expressão religiosa²⁶; o envolvimento do educando na sua tradição religiosa, as diferenças das tradições, o crescimento e o diálogo com o transcendente²⁷; os textos sagrados orais e escritos, as formas respectivas de interpretá-los²⁸; a relação entre religião e religiosidade, presentes na dinâmica social²⁹; os valores de líderes e comunidades religiosas e seu compromisso social³⁰; os costumes e símbolos das tradições religiosas³¹; as normas nas tradições religiosas, as concepções tanto da vida e da morte, bem como a vocação humana para o bem e o transcendente³².

A entrevista semi-estruturada contou com a colaboração de onze professores, escritores e não-escritores da Coleção. Ante a questão *como você define a Coleção “Redescobrimo o Universo Religioso” em relação à concepção de educação, à concepção religiosa, ao conteúdo, à linguagem e à metodologia empregada*, os professores entrevistados assim se posicionaram: a) *concepção de educação* - dos onze professores entrevistados prevaleceu o parecer de uma "educação não-bancária, diferenciada, que promove a abertura, o diálogo e abre espaço para que o aluno se torne co-autor da sua cultura e religiosidade"; b) *concepção religiosa* - a resposta dos professores entrevistados foi unânime e precisa: "inter-religiosa". Vale ressaltar que somente três dos professores entrevistados acrescentaram o enfoque "não proselitista". Isso demonstra que não basta apenas comungar com a idéia de se buscar, em prol de uma convivência respeitosa e pacífica, pontos comuns e convergentes. Faz-se também necessário também dispor dos meios (materiais didáticos) adequados; c) *conteúdo* - distinguiu-se no parecer dos professores a “abordagem de pontos comuns entre as tradições religiosas”, “a promoção da familiaridade dos alunos com cada temática de estudo e a quebra de preconceito, de idéias errôneas a respeito de cada uma das tradições religiosas”; d) *metodologia* - as contribuições dos professores sobre esse aspecto se concentraram em expressões concisas, a saber: "bastante satisfatória, passível de ser melhorada", "dinâmica, interativa, excelente", "lúdica, significativa e envolvente", "propagadora de uma cultura que não divide, promove a liberdade de expressão",

"aspecto chave para a promoção do diálogo inter-religioso", "possibilita uma ampliação progressiva da familiaridade e do conhecimento a cada tema de estudo", "parte do contexto do aluno e de acordo com a sua faixa etária", "leva o aluno a uma ação, reflexão, interação, momento de síntese"; e) *linguagem* – adjetivos não faltaram na fala dos professores sobre esse aspecto: "adequada e acessível para o tratamento pedagógico dos temas de estudo", "adaptada às faixas etárias dos alunos" , "adequada e acessível", "superação da linguagem confessional".

Tanto os enfoques colhidos por meio da análise documental como os mais diversos pareceres dos professores entrevistados sobre a Coleção “Redescobrimo o Universo Religioso” acima mencionados denotam a relevância de um livro didático não só na implantação do modelo de Ensino Religioso inaugurado pela nova LDB/96, mas também no debate sobre “o quê?” e o para quê?” do ensino de Religião na escola. Um debate sequer recente e muito menos pontual.

Considerações Finais

O viver humano é, essencialmente, uma expressão do mistério da vida que todos os dias não cessa de se manifestar. Aqui e acolá, o ser humano perambula à procura de tudo aquilo que possa lhe conferir sentido e plenitude.

O conhecimento religioso se constitui a eloqüência dos fundamentos mais sólidos que têm dado sustentação ao viver humano em todos os tempos e culturas. Tem se mostrado o prelúdio de uma sinfonia que embala o pulsar humano no mesmo compasso daquilo que lhe inspira, transcende e confere sentido a sua destinação.

Segundo Küng³³, "não haverá paz entre as nações, se não existir paz entre as religiões. Não haverá paz entre as religiões, se não existir diálogo entre as religiões". Trabalhar o respeito entre as tradições religiosas, o dialogo com o diferente sem menosprezar a própria identidade cultural e religiosa; possibilitou a quebra de paradigmas fecundos à proliferação do preconceito, a superação de fanatismos confessionais; promover a aceitação da diversidade religiosa existente em sala de aula, o desenvolvimento da dimensão religiosa como condição à formação integral do aluno distam entre os maiores desafios ao “ensino de Religião” do contexto escolar.

Referências

BITTENCOURT, C., **Livro didático e conhecimento histórico**: uma história do saber escolar. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1993 (Tese de doutorado).

BRAGA, V. M. NARLOCH, R. F. **Redescobrimo o universo religioso**: ensino fundamental. Petrópolis: Vozes, 2002. v.4.

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. In: MENEZES, J. G. de C. et al. Estrutura e funcionamento da educação básica. São Paulo: Pioneira, 2001. Anexo 2, p.306-328.

BRASIL. **Lei nº 9.475 de 22 de julho de 1997**. Da nova redação ao artigo 33 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Diário Oficial da União, de 23 de julho de 1997, seção I.

CANDAU, V. M., A didática e a formação de educadores - da exaltação à negação: a busca da relevância. In: CANDAU, V. M., **A didática em questão**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

CÂNDIDO, V. C. Aprendendo a ensinar. In: *Diálogo*. Agosto. Ano VII – n. 27. São Paulo: Pia Sociedade Filhas de São Paulo, 2002, p. 40.

CORRÊA, R. L. T., Sobre a permanência de práticas pedagógicas ao longo do tempo histórico. *Diálogo Educacional* n. 14, vol. 5, p. 135-145, Jan./Abr. 2005.

DALDEGAN, V. M. Ações do ensino religioso – 2000. In: OLINIKI, M. L. R. **O modelo pedagógico e a formação do professor de ensino religioso na Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus**. Mestrado em Educação – PUCPR. Curitiba: 2003. No prelo.

_____. **Redescobrimo o universo religioso**: educação infantil. Petrópolis: Vozes, 2002. v. 1.

_____. **Redescobrimo o universo religioso**: educação infantil. Petrópolis: Vozes, 2002. v. 2.

ECO, U.; BONAZZI, M., **Mentiras que parecem verdades**. Tradução de Giacomina Faldini. São Paulo: Summus, 1980.

FARIA, A. L. G., **Ideologia no livro didático**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FORUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO. **Parâmetros curriculares nacionais**: ensino religioso. 3.ed. São Paulo: Ave-Maria, 1998.

FREITAG, B.; COSTA, W. F.; MOTTA, V. R., **O livro didático em questão**. São Paulo: Cortez / Autores Associados, 1989.

KUHN, T. S., **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

JUNQUEIRA, S. R. A., O processo de escolarização do ensino religioso no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2002.

KÜNG, H. **Religiões do mundo**: em busca dos pontos comuns. Trad.: Carlos A. Pereira. Campinas: Verus, 2004.

LONGEN, M. R. **Redescobrimo o universo religioso**: ensino fundamental - 8ª série. Petrópolis: Vozes, 2002. v.8.

NARLOCH, R. F. **Redescobrimo o universo religioso**: ensino fundamental - 5ª série. Petrópolis: Vozes, 2002. v.5

MARTINS, P. L. O., A relação conteúdo-forma: expressão das contradições da prática pedagógica na escola capitalista. In: VEIGA, I. P. A. (org.), **Didática: o ensino e suas relações**. 7. ed. Campinas: Papyrus, 2003.

MENDES NETO, A. Aberto à pluralidade. In: *Diálogo*. Maio. Ano VII – n. 26. São Paulo: Pia Sociedade Filhas de São Paulo, 2002, p. 53.

NAUROSKI, E. A. **Redescobrimo o universo religioso**: ensino fundamental - 7ª série. Petrópolis: Vozes, 2001. v.7

NOSELLA, M. L. C. D., **As belas mentiras**: a ideologia subjacente aos textos didáticos. 13. ed. São Paulo: Centauro, 2005.

OLENIKI, M. L. R. **O modelo pedagógico e a formação do professor de ensino religioso na Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus**. Dissertação (Mestrado em Educação) – PUCPR. Curitiba: 2003. No prelo.

RENGEL, M., Qualidade do livro didático: dos critérios da literatura acadêmica aos do programa nacional do livro didático. *Linhas Críticas* n. 21, vol. 11, p. 187-200, jul./dez. 2005.

ROMANIO, A. M. **Redescobrimo o universo religioso**: ensino fundamental - 3ª série. Petrópolis: Vozes, 2002. v.3

_____. **Redescobrimo o Universo Religioso**: ensino fundamental - 6ª série. Petrópolis: Vozes, 2002. v.6.

SILVA, I. **Redescobrimo o universo religioso**: ensino fundamental - 2ª série. Petrópolis: Vozes, 2002. v.2

SOUZA, G. S. **Redescobrimo o universo religioso**: educação infantil - Pré III. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2002. v.3.

_____. **Redescobrimo o universo religioso**: ensino fundamental - 1ª série. Petrópolis: Vozes, 2002. v.1.

-
- ¹ KUHN, 1998, p. 148.
 - ² FREITAG, COSTA E MOTTA, 1989, p. 11-50; RENGEL, 2005, p. 187-200.
 - ³ 2004, p. 13-24.
 - ⁴ 2005, p. 135-145.
 - ⁵ 2003, p. 77-103.
 - ⁶ ECO & BONAZZI, 1980. p. 13.
 - ⁷ FARIA, 2002, p. 58-86.
 - ⁸ BITTENCOURT, 1998, p. 72.
 - ⁹ 2005, p. 19.
 - ¹⁰ FREITAG, COSTA E MOTTA, 1989, p. 123-124.
 - ¹¹ 2005, p. 187-200.
 - ¹² Leitura associativa, contextualizada e interpretativa das informações.
 - ¹³ Pesquisas, jogos, projetos etc.
 - ¹⁴ CÂNDIDO, 2002, p. 40.
 - ¹⁵ Editora Vozes, anos 2000-2002.
 - ¹⁶ MENDES NETO, 2002, p. 53.
 - ¹⁷ JUNQUEIRA, 2002, p. 110-113.
 - ¹⁸ FÓRUM NACIONAL..., 1998, p. 17.
 - ¹⁹ JUNQUEIRA, 2002, p. 11-31
 - ²⁰ OLENIKI, 2003, p. 89.
 - ²¹ DALDEGAN, 2003, p. 95.
 - ²² DALDEGAN, 2002, v. 1.
 - ²³ DALDEGAN, 2002, v. 2.
 - ²⁴ SOUZA, 2002, v. 3.
 - ²⁵ SOUZA, 2002, v. 1.
 - ²⁶ SILVA, 2002.
 - ²⁷ ROMANIO, 2002, v. 3.
 - ²⁸ BRAGA; NARLOCH, 2002.
 - ²⁹ NARLOCH, 2002.
 - ³⁰ ROMANIO, 2002, v. 6.
 - ³¹ NAUROSKI, 2001.
 - ³² LONGEN, 2002.
 - ³³ 2004, p. 17.